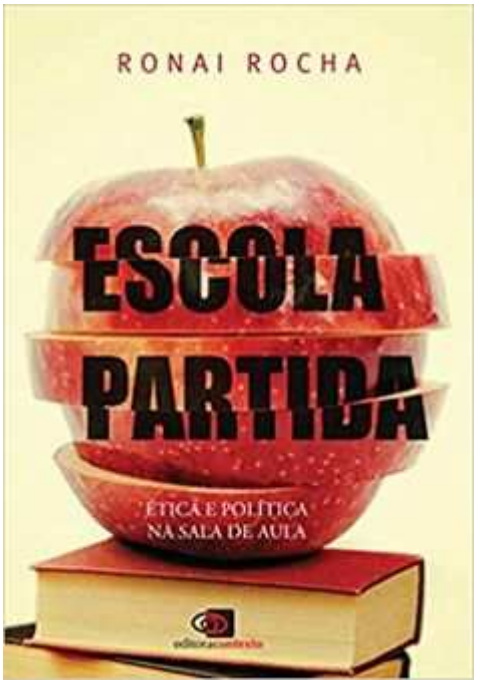
RESENHA:
ROCHA, Ronai. **Escola Partida:** ética e política na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2020.



Pensamento de risco: o Escola sem Partido além do partidarismo

FELIPE FIGUEIRA*

O livro "Escola Partida: ética e política na sala de aula", de Ronai Rocha, tem como ponto inicial o estudo do movimento Escola sem Partido, que surgiu em 2003, por iniciativa de Miguel Nagib, advogado e procurador do Estado de São Paulo. Para tanto, a obra começa com uma excelente lide, dizendo logo na primeira linha que tal movimento se iniciou em 2003. É como se o autor dissesse: "eu sei como tudo isso começou e vou lhe contar em detalhes seus bastidores e muito mais". E é realmente isso que o professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) faz: conta uma rica história de algo importante para a educação brasileira nos últimos anos.

Todavia, cumpre destacar desde já que o livro em questão não toma partido nem dos defensores do Escola sem Partido e nem dos seus apaixonados opositores, antes busca uma análise o mais neutra possível. Aqui cabe um adendo: a palavra neutralidade é usualmente mal vista em educação, sob a pecha de que ser neutro é impossível. Mas, o que é ser neutro para o professor Ronai Rocha? É uma atitude de honestidade intelectual cuja finalidade é explorar todas as perspectivas, sem se vincular a estigmas. É claro que no percurso investigativo sínteses surgirão, mas elas são fruto de reflexões, como a ideia abaixo:

> "O foco do movimento passa ao largo dos problemas centrais da educação brasileira. Temas como a baixa qualidade de aprendizagem nas séries iniciais, as enormes taxas de abandono no ensino médio, o crescente apagão de professores, a remuneração e o desempenho docente não estão na agenda do Escola sem Partido" (ROCHA, 2020, p. 10).

Ainda acerca da neutralidade, um dos focos do estudo de Ronai Rocha, é preciso aprofundá-la. Uma das referências do professor é Hannah Arendt, pensadora política que nos deixou um texto lapidar intitulado "A crise na educação". Neste texto, a pensadora critica, dentre tantas coisas, a formação reticente do professor, onde ele muitas vezes está só um passo à frente do aluno em matéria de conteúdo: "Como o professor não precisa conhecer sua própria matéria, não raro acontece

* **FELIPE FIGUEIRA** é professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Paranavaí; Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

encontrar-se apenas um passo à frente de sua classe em conhecimento" (ARENDT, 2009, p. 231). O que isso significa e qual o problema dessa fraqueza de conteúdos? Primeiro que a autoridade docente se assenta no conhecimento, e segundo que a sua fraqueza formativa acarreta em uma avalanche de déficits. Nesse cenário é que a pensadora criticará correntes chamadas de progressistas, cuja finalidade é mais uma politização da escola do que uma ênfase nos conteúdos, e cuja responsabilidade dos adultos pelas crianças e jovens é mitigada. Ora, segundo a perspectiva arendtiana, se o professor se eximir da sua responsabilidade pelo mundo, o que é que lhe sobra?

É nesse horizonte que existe uma desejável neutralidade: o professor tem como foco primário o conhecimento e não pode tornar a sua sala de aula uma espécie de jornal. Que terrível é uma aula na qual o professor deixa de ensinar matemática e passe a só falar da política local. Sim, eu sei que tais ideias podem ser vistas com maus olhos, e o professor Ronai Rocha também sabe, porém, ele não se furta às polêmicas, a um "pensamento de risco". E será justamente a ideia de um pensamento de risco que o autor explorará, nos seguintes termos:

> "O mundo acadêmico é apenas um dos lugares naturais para o pensamento de risco. Ele também cabe nos livros, nos jornais, nas revistas, nos meios de comunicação nos quais o usuário é ativo. O pensamento de risco se evapora quando as conversas consistem em gritos de guerra. Na sala de aula das universidades, o pensamento de risco consiste em conduzir os alunos até "as portas da complexidade, sem atravessar com eles essas portas (Gumbrecht, 2010: 161)" (ROCHA, 2020, p. 99-100).

Logo se vê que "Escola Partida: ética e política na sala de aula" vai além de explorar o movimento Escola sem Partido, chegando a fundo em temas da história da educação, global e brasileira, e também investiga conceitos que usualmente são tidos como tabus. Aliás, tocar em tabus é algo que não tem intimidado Ronai Rocha, autor também de "Quando ninguém educa: questionando Paulo Freire" (2017). Este livro, segundo declarações do autor, não se trata de colocar Paulo Freire no banco dos réus, mas também de não confundir biografia com hagiografia. E não seria o papel do intelectual a crítica às hagiografias? E não seria o papel do intelectual o de questionar e questionar e questionar? Claro que essa postura não culmina em relativismos, algo daninho à educação e à ciência como um todo.

Ronai Rocha não é contra o debate sobre política, mas, isto sim ele é contra, a política em sala de aula sem filtros. Existe um currículo e ele deve ser observado; na escola estão seres em formação que precisam ser cuidados da avalanche chamada mundo e mídia. Nesse cuidado, que tem a ver com autoridade e responsabilidade, há a essência do ser educador. O movimento Escola sem Partido, perdido sem discutir questões mais profundas da esfera educacional, sem entrar na essência do ser educador, não logrou o êxito que almejava, ainda que os seus efeitos possam ser observados na sociedade.

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ROCHA, Ronai. **Escola Partida: ética e política na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Quando ninguém educa: questionando Paulo Freire.** São Paulo: Editora Contexto, 2017.

Recebido em 2021-02-27
Publicado em 2021-05-01